

DE ACORDO COM O EDITAL N° 001/2026



CRUZ DO ESPÍRITO SANTO-PB

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZ DO ESPÍRITO SANTO - PARAÍBA

PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Tecnologia na Educação
- ▶ Raciocínio Lógico
- ▶ Conhecimentos Profissionais
- ▶ Pedagogia e Psicologia Educacional

BÔNUS
CURSO ON-LINE

- PORTUGUÊS
- INFORMÁTICA





AVISO IMPORTANTE: **Este é um Material de Demonstração**

Este arquivo representa uma prévia exclusiva da apostila.

Aqui, você poderá conferir algumas páginas selecionadas para conhecer de perto a qualidade, o formato e a proposta pedagógica do nosso conteúdo. Lembramos que este não é o material completo.



POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?



- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital.
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada.
- × Dicas práticas, quadros de resumo e linguagem descomplicada.
- × Questões gabaritadas
- × Bônus especiais que otimizam seus estudos.

Aproveite a oportunidade de intensificar sua preparação com um material completo e focado na sua aprovação:
Acesse agora: www.apostilasopcao.com.br

Disponível nas versões impressa e digital, com envio imediato!

Estudar com o material certo faz toda a diferença na sua jornada até a APROVAÇÃO.





CRUZ DO ESPÍRITO SANTO-PB

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZ DO
ESPÍRITO SANTO - PARAÍBA

**PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS
ANOS INICIAIS**

EDITAL Nº 001/2026

CÓD: OP-056AG-26
7901183006168

ÍNDICE

Língua Portuguesa

1. Fonologia (conceitos, encontros vocálicos, dígrafos, ortoépia, divisão silábica, prosódia, acentuação e ortografia)	9
2. Interpretação e Análise Textual (compreensão global, ideias principais e secundárias, inferências)	10
3. Coesão, coerência	12
4. Gêneros textuais	13
5. Variedades linguísticas	14
6. Morfologia (estrutura e formação de palavras)	15
7. Classes de palavras e suas flexões	16
8. Redação Oficial (elaboração de correspondências, ofícios, circulares e protocolos)	23
9. Semântica (significação de palavras, sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação)	30
10. Figuras de linguagem	31
11. Sintaxe (termos da oração, período composto, classificação de orações)	35
12. Concordância verbal e nominal	40
13. Regência	42
14. Crase	44
15. Pontuação	44

Tecnologia na Educação

1. Análise combinatória básica	53
2. Diagramas lógicos	57
3. Equivalências lógicas	61
4. Lógica proposicional; Tabelas-verdade	62
5. Problemas de raciocínio analítico; Verdade e falsidade de proposições	66
6. Problemas de raciocínio dedutivo	69
7. Problemas de sequências numéricas e lógicas	73
8. Problemas de raciocínio indutivo	74

Raciocínio Lógico

1. Ambientes virtuais de aprendizagem (ava)	83
2. Aplicativos educacionais	88
3. Avaliação digital da aprendizagem	93
4. Competências digitais na educação. Comunicação digital no ambiente escolar	99
5. Cultura digital e educação. Educação a distância (ead).	104
6. Ferramentas de colaboração online. Inclusão digital na educação	109
7. Metodologias ativas com uso de tecnologias. Plataformas educacionais digitais	114
8. Produção de conteúdos digitais	119
9. Segurança da informação na educação.	124
10. Tecnologias da informação e comunicação (tic) na educação. Uso pedagógico das redes sociais.	130

ÍNDICE

Conhecimentos Profissionais

1. Alfabetização e letramento; produção de textos nos anos iniciais	139
2. Aprendizagem baseada em jogos e brincadeiras.....	147
3. Avaliação da aprendizagem na educação infantil e anos iniciais	150
4. Campos de experiência na educação infantil.....	154
5. Consciência fonológica no processo de alfabetização	157
6. Construção do número e pensamento matemático inicial.....	159
7. Contação de histórias e formação do leitor	162
8. Desenvolvimento cognitivo na infância	165
9. Desenvolvimento motor na infância	168
10. Desenvolvimento socioemocional das crianças.....	170
11. Dificuldades de aprendizagem na alfabetização	173
12. Desenvolvimento da linguagem oral e escrita; estratégias de ensino da leitura; estratégias de ensino da escrita.....	176
13. Estratégias de ensino da matemática nos anos iniciais	181
14. Interdisciplinaridade no ensino fundamental.....	184
15. Jogos pedagógicos na alfabetização; ludicidade no processo de ensino-aprendizagem	188
16. Metodologias ativas na educação básica.....	191
17. Organização da rotina na educação infantil.....	193
18. Planejamento de atividades pedagógicas.....	195
19. Práticas de ensino de ciências nos anos iniciais.....	198
20. Práticas de ensino de geografia nos anos iniciais	201
21. Práticas de ensino de história nos anos iniciais	208
22. Projetos pedagógicos interdisciplinares.....	212
23. Recursos didáticos para alfabetização	213
24. Sequências didáticas na educação básica	216
25. Socialização e interação na infância.....	218
26. Uso de artes, música e expressão corporal no processo educativo.....	220

Pedagogia e Psicologia Educacional

1. Avaliação da aprendizagem: diagnóstica, formativa e somativa.....	229
2. Avaliação mediadora (jussara hoffmann)	230
3. Desenvolvimento moral (piaget e kohlberg). Desenvolvimento socioemocional na infância e adolescência	235
4. Dificuldades e transtornos de aprendizagem (conceitos básicos).	241
5. Gestão da sala de aula e clima escolar	247
6. Inclusão escolar sob a perspectiva psicopedagógica	253
7. Inteligências múltiplas (howard gardner)	258
8. Interação professor-aluno no processo educativo.....	260
9. Jean piaget: estágios do desenvolvimento cognitivo. Lev vygotsky: mediação e zona de desenvolvimento proximal (zdp). Henri wallon: afetividade e desenvolvimento infantil	265

ÍNDICE

10. Metodologias ativas de aprendizagem	272
11. Motivação e aprendizagem.....	273
12. Processos de ensino e aprendizagem	277
13. Psicogênese da língua escrita (emília ferreiro)	280
14. Teorias da aprendizagem (behaviorismo, cognitivismo e construtivismo).	281
15. David ausubel: aprendizagem significativa	285

LÍNGUA PORTUGUESA

FONOLOGIA (CONCEITOS, ENCONTROS VOCÁLICOS, DÍGRAFOS, ORTOÉPIA, DIVISÃO SILÁBICA, PROSÓDIA, ACENTUAÇÃO E ORTOGRAFIA)

Muitas pessoas acreditam que fonética e fonologia são sinônimos. No entanto, embora ambas pertençam à mesma área de estudo, apresentam diferenças significativas.

► Fonética

Segundo o Dicionário Houaiss, fonética “é o estudo dos sons da fala de uma língua”.

Isso significa que a fonética é um ramo da linguística que analisa os sons do ponto de vista físico e articulatório. Ou seja, preocupa-se com o movimento dos lábios, a vibração das cordas vocais, a articulação e outros aspectos físicos da fala, sem considerar o conteúdo do que é dito.

Para representar cada som, utiliza-se o Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

Em síntese, a fonética estuda os movimentos físicos — da boca, dos lábios, da língua etc. — envolvidos na produção dos sons, desconsiderando seu significado.

► Fonologia

A fonologia também é um ramo de estudo da Linguística, mas ela se preocupa em analisar a organização e a classificação dos sons, separando-os em unidades significativas. É responsabilidade da fonologia, também, cuidar de aspectos relativos à divisão silábica, à acentuação de palavras, à ortografia e à pronúncia.

Ou seja, a fonologia estuda os sons, preocupando-se com o significado de cada um e não só com sua estrutura física.

Para ficar mais claro, leia os quadrinhos:



O humor da tirinha é construído a partir do uso das palavras Cestas, Sestas e Sextas.

Embora possuam significados distintos, ambas apresentam a mesma pronúncia.

É importante lembrar que a fonética se preocupa com os sons e os representa por meio de um alfabeto específico. Portanto, para a fonética, essas duas palavras seriam transcritas da seguinte forma:

Cestas	'ses.tas
Sestas	'ses.tas
Sextas	'ses.tas

A transcrição é idêntica, uma vez que os sons também são. Já a fonologia analisa cada som em relação ao seu significado, sendo ela a responsável por distinguir uma palavra da outra.

Agora que já sabemos todas essas diferenciações, vamos entender melhor o que é e como se compõe uma sílaba.

AMOSTRA

▪ **Fonema:** os fonemas são as menores unidades sonoras da fala. Atenção: estamos nos referindo às menores unidades de som, e não às sílabas. Observe a diferença: na palavra pato, a primeira sílaba é pa-. No entanto, o primeiro som é /p/ (representado pela letra P) e o segundo som é /a/.

▪ **Letra:** as letras são as menores unidades gráficas que compõem uma palavra.

Agora que compreendemos essas distinções, vamos entender melhor o que é e como se compõe uma sílaba.

▪ **Sílaba:** A sílaba é um fonema ou conjunto de fonemas que emitido em um só impulso de voz e que tem como base uma vogal.

As sílabas são classificadas de dois modos:

Classificação quanto ao número de sílabas:

As palavras podem ser:

▪ **Monossílabas:** apresentam apenas uma sílaba (pé, pá, mão, boi, luz, é);

▪ **Dissílabas:** apresentam duas sílabas (café, leite, noites, caí, bota, água);

▪ **Trissílabas:** apresentam três sílabas (caneta, cabeça, saúde, circuito, boneca);

▪ **Polissílabas:** apresentam quatro ou mais sílabas (casamento, jesuíta, irresponsabilidade, paralelepípedo).

Classificação quanto à tonicidade:

As palavras podem ser:

▪ **Oxítonas:** têm a última sílaba como tônica (ca-fé, ma-ra-cu-já, ra-paz, u-ru-bu);

▪ **Paroxítonas:** têm a penúltima sílaba como tônica (me-sa, sa-bo-ne-te, ré-gua);

▪ **Proparoxítonas:** têm a antepenúltima sílaba como tônica (sá-ba-do, tô-ni-ca, his-tó-ri-co).

Lembre-se que:

▪ **Tônica:** a sílaba mais forte da palavra, que tem autonomia fonética.

▪ **Átona:** a sílaba mais fraca da palavra, que não tem autonomia fonética.

Na palavra **telefone**: te-, le-, ne- são sílabas átonas, pois são mais fracas, enquanto que **fo-** é a sílaba tônica, já que é a pronunciada com mais força.

Agora que já sabemos essas classificações básicas, precisamos entender melhor como se dá a divisão silábica das palavras.

► Divisão silábica

A divisão silábica é feita pela silabação das palavras, ou seja, pela pronúncia. Sempre que for escrever, use o hífen para separar uma sílaba da outra. Algumas regras devem ser seguidas neste processo:

Não se separa:

▪ **Ditongo:** encontro de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba (cau-le, gai-o-la, ba-lei-a...)

▪ **Tritongo:** encontro de uma semivogal, uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba (Pa-ra-guai, quais-quer, a-ve-ri-guou...)

▪ **Dígrafo:** quando duas letras emitem um único som na palavra. Não separamos os dígrafos ch, lh, nh, gu e qu (fa-cha-da, co-lhei-ta, fro-nha, pe-guei...)

▪ **Encontros consonantais inseparáveis:** re-cla-mar, psi-có-lo-go, pa-trão...)

Deve-se separar:

▪ **Hiatos:** vogais que se encontram na palavra, mas pertencem a sílabas diferentes (sa-ú-de, Sa-a-ra, ví-a-mos);

▪ **Dígrafos rr, ss, sc e xc:** nesses casos, as letras são pronunciadas juntas, mas devem ser separadas na divisão silábica (car-ro, pás-sa-ro, pis-ci-na, ex-ce-ção);

▪ **Encontros consonantais separáveis:** quando as consoantes não pertencem à mesma sílaba (in-fec-ção, mag-nó-lia, rit-mo).

INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE TEXTUAL (COMPREENSÃO GLOBAL, IDEIAS PRINCIPAIS E SECUNDÁRIAS, INFERÊNCIAS)

► Definição Geral

Embora correlacionados, compreensão e interpretação são processos distintos. A compreensão refere-se ao entendimento das informações explícitas do texto, enquanto a interpretação envolve a elaboração de conclusões fundamentadas a partir dessas informações.

Exemplificando, quando uma avaliação exige a compreensão de uma questão, a resposta encontra-se explicitamente no texto. Já a interpretação ocorre quando o leitor, a partir das informações textuais, elabora conclusões logicamente fundamentadas.

► Compreensão de Textos

A compreensão textual consiste na análise do que está explícito no texto, ou seja, na identificação da mensagem. Compreender um texto é assimilar intelectualmente sua mensagem, identificando com precisão as informações explícitas nele contidas.

Compreender um texto é captar, de forma objetiva, a mensagem transmitida por ele. Portanto, a compreensão textual envolve a decodificação da mensagem que é feita pelo leitor.

Por exemplo, ao ouvirmos uma notícia, automaticamente compreendemos a mensagem transmitida por ela, assim como o seu propósito comunicativo, que é informar o ouvinte sobre um determinado evento.

► Interpretação de Textos



TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

ANÁLISE COMBINATÓRIA BÁSICA

A **Análise Combinatória** é a parte da Matemática que desenvolve meios para trabalharmos com problemas de contagem. Vejamos:

► Princípio fundamental de contagem (PFC)

É o total de possibilidades de o evento ocorrer.

- **Princípio multiplicativo:** $P_1 \cdot P_2 \cdot P_3 \cdot \dots \cdot P_n$ (regra do “e”). É um princípio utilizado em sucessão de escolha, como ordem.
- **Princípio aditivo:** $P_1 + P_2 + P_3 + \dots + P_n$ (regra do “ou”). É o princípio utilizado quando podemos escolher uma coisa ou outra.

Exemplos:

1. (BNB) Apesar de todos os caminhos levarem a Roma, eles passam por diversos lugares antes. Considerando-se que existem três caminhos a seguir quando se deseja ir da cidade A para a cidade B, e que existem mais cinco opções da cidade B para Roma, qual a quantidade de caminhos que se pode tomar para ir de A até Roma, passando necessariamente por B?

- (A) Oito.
- (B) Dez.
- (C) Quinze.
- (D) Dezesesseis.
- (E) Vinte.

Resolução:

Observe que temos uma sucessão de escolhas: Primeiro, de A para B e depois de B para Roma.

1ª possibilidade: 3 (A para B).

Obs.: o número 3 representa a quantidade de escolhas para a primeira opção.

2ª possibilidade: 5 (B para Roma).

Temos duas possibilidades: A para B depois B para Roma, logo, uma sucessão de escolhas.

Resultado: $3 \cdot 5 = 15$ possibilidades.

Alternativa correta: C

2. (PREF. CHAPECÓ/SC – ENGENHEIRO DE TRÂNSITO – IOBV)

Em um restaurante os clientes têm a sua disposição, 6 tipos de carnes, 4 tipos de cereais, 4 tipos de sobremesas e 5 tipos de sucos. Se o cliente quiser pedir 1 tipo carne, 1 tipo de cereal, 1 tipo de sobremesa e 1 tipo de suco, então o número de opções diferentes com que ele poderia fazer o seu pedido, é:

- (A) 19
- (B) 480
- (C) 420
- (D) 90

Resolução:

A questão trata-se de princípio fundamental da contagem, logo vamos enumerar todas as possibilidades de fazermos o pedido:

$$6 \times 4 \times 4 \times 5 = 480 \text{ maneiras.}$$

Alternativa correta: B

► Fatorial

Sendo n um número natural, chama-se de $n!$ (lê-se: n fatorial) a expressão:

$$n! = n \cdot (n - 1) \cdot (n - 2) \cdot (n - 3) \cdot \dots \cdot 2 \cdot 1, \text{ como } n \geq 2.$$

Exemplos:

$$5! = 5 \cdot 4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1 = 120.$$

$$7! = 7 \cdot 6 \cdot 5 \cdot 4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1 = 5.040.$$

ATENÇÃO

$$0! = 1$$

$$1! = 1$$

Tenha cuidado $2! = 2$, pois $2 \cdot 1 = 2$. E $3!$ não é igual a 3, pois $3 \cdot 2 \cdot 1 = 6$.

► Arranjo simples

Arranjo simples de n elementos tomados p a p , onde $n \geq 1$ e p é um número natural, é qualquer ordenação de p elementos dentre os n elementos, em que cada maneira de tomar os elementos diferem pela ordem ou pela natureza dos elementos.

Atenção: Observe que no grupo dos elementos: $\{1,2,3\}$ um dos arranjos formados, com três elementos, 123 é diferente de 321, e assim sucessivamente.

► Sem repetição

A fórmula para cálculo de arranjo simples é dada por:

$$A_{np} = \frac{n!}{(n-p)!}$$

Onde:

n = Quantidade total de elementos no conjunto.

p = quantidade de elementos por arranjo



AMOSTRA

Exemplo: Uma escola possui 18 professores. Entre eles, serão escolhidos: um diretor, um vice-diretor e um coordenador pedagógico. Quantas são as possibilidades de escolha?

$n = 18$ (professores)

$p = 3$ (cargos de diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico)

$$A_{n,p} = \frac{n!}{(n-p)!} \rightarrow A_{18,3} = \frac{18!}{(18-3)!} = \frac{18!}{15!} = \frac{(18 \cdot 17 \cdot 16 \cdot 15!)}{15!} = 4896 \text{ grupos}$$

► Com repetição

Os elementos que compõem o conjunto podem aparecer repetidos em um agrupamento, ou seja, ocorre a repetição de um mesmo elemento em um agrupamento.

A fórmula geral para o arranjo com repetição é representada por:

$$A(n,p)=n^p$$

Exemplo:

Seja P um conjunto com elementos: $P = \{A, B, C, D\}$, tomando os agrupamentos de dois em dois, considerando o arranjo com repetição quantos agrupamentos podemos obter em relação ao conjunto P.

Resolução:

$P = \{A, B, C, D\}$

$n = 4$

$p = 2$

$A(n,p)=n^p$

$$A(4,2)=4^2=16$$

► Permutação

É a TROCA DE POSIÇÃO de elementos de uma sequência. Utilizamos todos os elementos.

► Sem repetição

$$P_n = n!$$

Atenção: Todas as questões de permutação simples podem ser resolvidas pelo princípio fundamental de contagem (PFC).

Exemplo:

1. (PREF. LAGOA DA CONFUSÃO/TO – ORIENTADOR SOCIAL – IDECAN) Renato é mais velho que Jorge de forma que a razão entre o número de anagramas de seus nomes representa a diferença entre suas idades. Se Jorge tem 20 anos, a idade de Renato é

(A) 24.

(B) 25.

(C) 26.

(D) 27.

(E) 28.

Resolução:

Anagramas de RENATO

$$6.5.4.3.2.1=720$$

Anagramas de JORGE

$$5.4.3.2.1=120$$

$$\text{Razão dos anagramas: } 720/120=6$$

Se Jorge tem 20 anos, Renato tem $20+6=26$ anos.

Alternativa correta: C



RACIOCÍNIO LÓGICO

AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVA)

CONCEITO DE AVA

O Ambiente Virtual de Aprendizagem é uma plataforma digital estruturada para organizar processos educativos em meio online. Ele reúne recursos tecnológicos e pedagógicos que permitem disponibilizar materiais, propor atividades, promover interações, acompanhar o desempenho dos estudantes e registrar o desenvolvimento da aprendizagem. O AVA funciona como um espaço educacional digital, planejado para apoiar o ensino e a aprendizagem.

O conceito de AVA envolve três dimensões principais: tecnológica, pedagógica e comunicativa. A dimensão tecnológica diz respeito à plataforma, às ferramentas, aos recursos de acesso, ao armazenamento de dados, à navegação e à segurança. A dimensão pedagógica envolve planejamento, objetivos, conteúdos, atividades, avaliação e mediação docente. A dimensão comunicativa refere-se às interações entre professor, estudante, turma e instituição.

Um AVA pode ser usado em diferentes modalidades de ensino. Na educação presencial, pode servir como complemento às aulas, oferecendo materiais de apoio, tarefas, fóruns e registros. No ensino híbrido, combina momentos presenciais e digitais, permitindo que parte do percurso ocorra online. Na Educação a Distância, o AVA costuma ser o principal espaço de organização do curso, reunindo conteúdos, comunicação, atividades e avaliação.

É importante diferenciar AVA de simples ferramenta digital. Um aplicativo de mensagens, uma pasta online ou uma rede social podem apoiar a educação, mas não constituem necessariamente um ambiente virtual de aprendizagem completo. O AVA possui estrutura pedagógica mais ampla, com organização de turmas, unidades, atividades, acompanhamento, registros e comunicação. Ele é pensado para sustentar um percurso formativo.

O AVA também não deve ser confundido com aula online. Uma videoconferência é um encontro síncrono realizado pela internet. Ela pode fazer parte do AVA ou ser integrada a ele, mas o ambiente virtual é mais abrangente. O AVA permanece disponível antes e depois do encontro, organizando materiais, atividades, discussões e registros. Ele dá continuidade ao processo educativo.

Entre os recursos comuns em AVA estão páginas de conteúdo, fóruns de discussão, envio de tarefas, questionários, wikis, glossários, chats, calendários, relatórios de acesso, espaços de feedback, rubricas avaliativas, trilhas de aprendizagem, links externos, biblioteca digital e integração com videoconferências. Cada recurso deve ser escolhido conforme o objetivo pedagógico. Ter muitas ferramentas não significa ensinar melhor.

O AVA também pode favorecer a personalização da aprendizagem. Ao organizar conteúdos em módulos, oferecer atividades com diferentes níveis de dificuldade, permitir tentativas, disponibilizar feedback e acompanhar progresso individual, o professor pode identificar necessidades específicas dos estudantes. A personalização, porém, exige análise pedagógica e não apenas automação.

Outro elemento do conceito de AVA é a persistência do registro. Diferentemente de uma aula oral que se encerra ao final do encontro, o ambiente virtual registra materiais, interações e atividades. O estudante pode retomar conteúdos; o professor pode revisar participações; a instituição pode acompanhar processos. Esses registros são valiosos, mas exigem cuidado com privacidade e proteção de dados.

Um AVA bem construído precisa ser intuitivo. A interface deve favorecer a navegação, e não dificultá-la. Menus confusos, excesso de cliques, materiais sem identificação e ausência de orientação prejudicam a experiência do estudante. A tecnologia educacional deve ser organizada a partir da perspectiva de quem aprende, não apenas de quem administra a plataforma.

O conceito de AVA também envolve acessibilidade. Um ambiente virtual deve considerar estudantes com deficiência, dificuldades de leitura, limitações de acesso, diferentes dispositivos e variados níveis de letramento digital. Isso significa usar materiais legíveis, vídeos com legenda quando possível, descrições de imagens, arquivos compatíveis e linguagem orientadora.

► Funções pedagógicas do AVA

As funções pedagógicas do AVA estão relacionadas ao modo como esse ambiente contribui para ensinar, aprender, interagir, avaliar e acompanhar o desenvolvimento dos estudantes. O AVA não é apenas um local de armazenamento de materiais; ele pode desempenhar papel ativo na organização do percurso educativo, na mediação do conhecimento e na construção da autonomia.

Uma das funções principais é organizar conteúdos. O professor pode estruturar o ambiente por aulas, semanas, temas, unidades, módulos ou trilhas. Essa organização ajuda o estudante a compreender o caminho de aprendizagem. Quando o conteúdo está bem distribuído, com orientações claras e sequência lógica, o estudante sabe por onde começar, o que estudar, que atividade realizar e como avançar.

AMOSTRA

Outra função importante é diversificar linguagens. O AVA permite integrar textos, vídeos, áudios, infográficos, imagens, apresentações, simulações, links, podcasts, mapas mentais e atividades interativas. Essa variedade pode enriquecer a aprendizagem, pois diferentes estudantes aprendem melhor com diferentes linguagens. Contudo, a diversidade precisa ter finalidade pedagógica. Inserir muitos recursos sem conexão pode confundir.

O AVA também favorece a interação. Fóruns, comentários, chats, mensagens e espaços colaborativos permitem que estudantes perguntem, respondam, debatam e compartilhem produções. A interação é essencial porque a aprendizagem não ocorre apenas pela recepção de conteúdo. Ela também se desenvolve no diálogo, na argumentação, na dúvida e na troca de experiências.

A função avaliativa é igualmente relevante. O ambiente virtual pode receber tarefas, aplicar questionários, registrar notas, permitir autoavaliações, promover avaliação por pares e oferecer feedback. A avaliação digital pode ser diagnóstica, formativa ou somativa. O mais importante é que ela ajude a compreender o processo de aprendizagem, e não apenas atribua uma nota final.

O AVA também permite acompanhamento contínuo. O professor pode verificar quais estudantes acessaram o material, quem enviou atividades, quais dificuldades aparecem nos questionários, quais dúvidas se repetem nos fóruns e quais estudantes estão participando pouco. Essas informações ajudam a tomar decisões pedagógicas. O acompanhamento deve servir para apoiar, e não para vigiar de forma fria ou punitiva.

Outra função pedagógica é promover autonomia. O estudante pode acessar conteúdos no próprio ritmo, rever explicações, organizar seus horários e acompanhar prazos. A autonomia, entretanto, precisa ser ensinada. Muitos estudantes necessitam de orientações sobre como estudar no ambiente virtual, como organizar agenda, como participar de fóruns e como pedir ajuda. O AVA deve oferecer estrutura para essa aprendizagem.

O AVA também pode funcionar como espaço de continuidade. Após uma aula presencial ou síncrona, o estudante pode acessar materiais complementares, realizar exercícios, participar de discussão e revisar o conteúdo. Antes da aula, pode estudar materiais introdutórios. Assim, o tempo pedagógico se amplia. O processo não se limita ao encontro em sala.

A função colaborativa também merece destaque. O AVA pode permitir produção coletiva de textos, construção de glossários, elaboração de projetos, debates temáticos e compartilhamento de pesquisas. A colaboração ajuda os estudantes a desenvolverem responsabilidade coletiva, argumentação, escuta e negociação. Para funcionar bem, precisa de regras claras e objetivos definidos.

O ambiente virtual também pode apoiar a recuperação e o reforço da aprendizagem. Estudantes com dificuldades podem acessar materiais explicativos, atividades extras, videoaulas de revisão, exercícios com feedback e orientações personalizadas. O professor pode criar percursos diferenciados para atender necessidades específicas. Isso torna o AVA uma ferramenta de apoio à inclusão pedagógica.

► Organização de conteúdos e trilhas de aprendizagem

A organização de conteúdos é um dos aspectos mais importantes em um Ambiente Virtual de Aprendizagem. Em espaços digitais, a clareza da organização substitui parte das orientações que, no ambiente presencial, seriam dadas oralmente pelo professor. Quando o estudante acessa o AVA, precisa compreender rapidamente o que deve fazer, onde encontrar os materiais, qual é a sequência de estudo e quais são os prazos.

Uma forma comum de organização é por unidades temáticas. Nesse modelo, cada unidade reúne conteúdos relacionados a um tema específico. Por exemplo, em um curso de Língua Portuguesa, uma unidade pode tratar de leitura, outra de produção textual, outra de gramática e outra de oralidade. Essa divisão ajuda o estudante a perceber os blocos de conhecimento e a relação entre os conteúdos.

Outra forma é a organização por semanas ou aulas. Esse modelo é útil quando o curso segue cronograma definido. A cada semana, o estudante encontra os materiais, atividades e orientações correspondentes. Essa estrutura facilita o acompanhamento do tempo e reduz a sensação de desorganização. Para funcionar bem, os títulos devem ser claros, como “Semana 1 — Introdução ao tema” ou “Aula 3 — Atividade prática”.

Também é possível organizar o AVA por trilhas de aprendizagem. A trilha é uma sequência planejada de etapas que orienta o estudante desde conhecimentos iniciais até atividades mais complexas. Ela pode incluir leitura, vídeo, exercício, fórum, produção individual, atividade colaborativa e avaliação. A ideia é construir um percurso, e não apenas disponibilizar materiais soltos.

Uma trilha de aprendizagem bem estruturada apresenta começo, desenvolvimento e fechamento. No início, pode trazer uma questão motivadora, um diagnóstico ou uma apresentação do tema. No desenvolvimento, oferece conteúdos, exemplos, atividades e interações. No fechamento, propõe síntese, avaliação, reflexão ou aplicação prática. Essa sequência ajuda o estudante a entender a finalidade de cada etapa.

A organização dos conteúdos deve considerar progressão pedagógica. Conteúdos mais simples ou introdutórios devem vir antes de tarefas complexas. Não faz sentido pedir uma produção elaborada sem que o estudante tenha acesso prévio a conceitos, exemplos e orientações. A progressão adequada evita frustração e melhora a qualidade da aprendizagem.

Os títulos e descrições são fundamentais. Um arquivo chamado “Material 1” ou “Documento final novo” não orienta o estudante. É melhor usar títulos informativos, como “Texto-base: conceito de cultura digital” ou “Atividade 2: análise de vídeo educativo”. Pequenas descrições também ajudam: “Leia o texto e responda às questões no fórum até sexta-feira.” A clareza reduz dúvidas repetitivas.

A quantidade de materiais deve ser equilibrada. Um AVA com excesso de arquivos pode sobrecarregar o estudante. O professor deve distinguir materiais obrigatórios, complementares e opcionais. Essa classificação orienta o estudo. Por exemplo: “Leitura obrigatória”, “Vídeo complementar” e “Material de aprofundamento”. Assim, o estudante entende prioridades.

CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO; PRODUÇÃO DE TEXTOS NOS ANOS INICIAIS

A educação contemporânea, especialmente no que se refere ao ensino de leitura e escrita, envolve dois conceitos fundamentais: alfabetização e letramento. Embora frequentemente usados de forma intercambiável, esses termos se referem a aspectos distintos, mas complementares, do desenvolvimento linguístico.

Alfabetização pode ser definida como o processo de ensinar e aprender a leitura e a escrita. Seu foco está no domínio do sistema alfabético de escrita, ou seja, a compreensão de que letras e sons possuem correspondências e que, a partir dessa relação, o sujeito pode ler e produzir palavras, frases e textos. Tradicionalmente, a alfabetização tem sido associada ao ensino das habilidades básicas de decodificação de palavras e à escrita de textos simples.

Por outro lado, o letramento vai além da mera capacidade de ler e escrever. Ele está relacionado ao uso dessas habilidades em contextos sociais e culturais. Em outras palavras, o letramento trata da função social da leitura e da escrita: como o indivíduo utiliza essas competências para participar ativamente de práticas de comunicação e interação em sua comunidade. Ser letrado implica saber interpretar, analisar e produzir textos adequados a diferentes situações comunicativas, exercendo assim a cidadania de forma plena.

A distinção entre alfabetização e letramento foi amplamente discutida por pesquisadores como Magda Soares, que destaca a alfabetização como a aprendizagem técnica da escrita, enquanto o letramento envolve a inserção social e cultural da pessoa em práticas de leitura e escrita. Segundo Soares (2004), uma educação completa deve abranger ambos os processos, promovendo não só a capacidade de ler e escrever, mas também o uso crítico e reflexivo dessas habilidades no cotidiano.

Na prática pedagógica, isso implica que o educador não deve se limitar a ensinar o código alfabético de forma isolada. Pelo contrário, a alfabetização precisa ser integrada a situações que envolvam o uso real da linguagem escrita, promovendo o letramento de forma contextualizada. Assim, o aluno não apenas aprende a ler e escrever, mas compreende como essas habilidades são fundamentais para a comunicação, a construção de conhecimento e a participação ativa na sociedade.

Essa abordagem integrada reflete a concepção contemporânea de que a alfabetização e o letramento são processos complementares e indissociáveis. O indivíduo alfabetizado está apto a decodificar palavras, mas o sujeito letrado sabe interpretar os significados que essas palavras carregam em diferentes contextos e, mais importante, pode produzir novos sentidos, engajando-se em práticas sociais que envolvem leitura e escrita.

Em síntese, a alfabetização e o letramento devem ser trabalhados de forma conjunta, de modo que o aluno desenvolva, simultaneamente, a competência técnica de leitura e escrita e a habilidade crítica de usar essas competências na vida social. Isso é especialmente relevante em um mundo onde a escrita desempenha um papel central nas interações diárias, sejam elas acadêmicas, profissionais ou pessoais.

Esses conceitos embasam a importância de estratégias pedagógicas que envolvam não apenas o ensino do código alfabético, mas também o contato frequente com diferentes gêneros discursivos, promovendo uma leitura e escrita significativas.

ALFABETIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA ALFABÉTICO DE ESCRITA

A alfabetização é o processo pelo qual uma pessoa adquire a capacidade de ler e escrever, dominando o sistema alfabético de escrita. Esse sistema baseia-se na correspondência entre sons (fonemas) e letras (grafemas), permitindo que o sujeito decodifique e codifique palavras e textos. A alfabetização, portanto, vai além da simples memorização de letras e palavras, exigindo um entendimento profundo das regras e convenções da língua escrita.

► Fases do Processo de Alfabetização

A construção do sistema alfabético de escrita ocorre em etapas graduais. Essas fases, descritas por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky em seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita, revelam que a criança passa por diferentes níveis de compreensão até dominar o sistema alfabético:

- **Fase Pré-Silábica:** Nessa fase inicial, a criança ainda não compreende que existe uma relação entre as letras e os sons da fala. Ela pode produzir rabiscos ou letras aleatórias, sem qualquer correspondência fonética. Nesse estágio, a escrita é mais um registro gráfico do que uma representação da linguagem.

- **Fase Silábica:** A criança começa a perceber que existe uma relação entre a fala e a escrita. Nesse estágio, ela tende a usar uma letra para representar cada sílaba da palavra. Por exemplo, ao escrever a palavra “casa”, a criança pode registrar apenas “CA”. Esse é um avanço significativo, pois demonstra uma primeira tentativa de relacionar sons da fala com letras.

- **Fase Silábico-Alfabética:** Nesse momento, a criança já entende que algumas sílabas são compostas por mais de uma letra e começa a misturar o uso silábico com o alfabético. Assim, pode escrever “CSA” para a palavra “casa”, usando algumas letras corretamente e omitindo outras.



AMOSTRA

▪ **Fase Alfabética:** Finalmente, a criança domina o princípio alfabético, ou seja, reconhece que cada som da fala pode ser representado por uma ou mais letras. Ela passa a escrever de forma convencional, ainda que com erros ortográficos, mas já é capaz de decodificar e codificar palavras de maneira autônoma.

Essas fases mostram que a alfabetização não é um processo mecânico de memorização, mas sim uma construção cognitiva em que a criança elabora hipóteses sobre a escrita e ajusta seu conhecimento com base nas interações e estímulos que recebe.

► **Métodos de Alfabetização**

Ao longo da história da educação, diversos métodos foram desenvolvidos para facilitar o ensino da alfabetização. Esses métodos podem ser classificados em dois grandes grupos: métodos analíticos e métodos sintéticos.

▪ **Método Fônico (sintético):** um dos métodos mais utilizados atualmente, o método fônico ensina a criança a identificar os sons das letras (fonemas) e a combiná-los para formar palavras. Ele enfatiza a consciência fonológica, ou seja, a capacidade de segmentar e manipular os sons da fala, o que facilita a leitura e a escrita de palavras novas. Esse método tem sido amplamente defendido por pesquisas que mostram sua eficácia na promoção da decodificação rápida e precisa das palavras.

▪ **Método Silábico (sintético):** o método silábico ensina a criança a reconhecer e combinar sílabas para formar palavras. Embora seja menos eficaz para a leitura fluente do que o método fônico, ele pode ser útil nas fases iniciais da alfabetização, já que trabalha com unidades maiores (sílabas), o que muitas vezes é mais intuitivo para a criança.

▪ **Método Global (analítico):** também conhecido como método de palavras ou de frases, o método global apresenta à criança textos completos desde o início, incentivando-a a reconhecer palavras e frases em seu contexto. A ideia é que a leitura de textos inteiros, em vez de sílabas ou fonemas isolados, ajude a criança a compreender o significado da linguagem escrita de forma mais integrada. No entanto, críticos apontam que esse método pode ser insuficiente para o desenvolvimento da habilidade de decodificação.

▪ **Método Construtivista:** baseado nas teorias de Emilia Ferreiro, esse método valoriza o processo de construção do conhecimento pela criança. O professor atua como mediador, incentivando os alunos a explorarem hipóteses sobre a escrita e a corrigirem seus erros à medida que avançam nas fases da alfabetização. Esse método reconhece que a criança é um sujeito ativo no aprendizado e respeita seu ritmo de desenvolvimento.

► **O Papel da Consciência Fonológica**

Um dos aspectos cruciais no processo de alfabetização é o desenvolvimento da consciência fonológica, que se refere à habilidade de perceber e manipular os sons da fala.

Pesquisas mostram que crianças que possuem uma consciência fonológica bem desenvolvida têm mais facilidade para aprender a ler e escrever, pois conseguem identificar os sons das palavras e relacioná-los com as letras. Atividades que envolvem a rima, a segmentação de palavras em sílabas e fonemas, e a manipulação de sons ajudam a fortalecer essa competência.

A consciência fonológica é particularmente importante no método fônico, que depende da habilidade da criança de identificar e combinar sons. Trabalhar essa consciência de forma lúdica e interativa pode acelerar o progresso no processo de alfabetização.

A alfabetização é um processo essencialmente cognitivo e social, no qual a criança aprende não apenas a decodificar letras e sons, mas a compreender como o sistema de escrita representa a linguagem. O domínio do sistema alfabético envolve múltiplas fases de desenvolvimento, que vão desde as primeiras tentativas de escrita até o entendimento pleno das regras da língua.

Métodos de ensino eficazes devem levar em consideração tanto os aspectos fônicos e silábicos quanto a dimensão construtivista e contextual da escrita, respeitando o ritmo de cada criança e promovendo uma alfabetização significativa e duradoura.

LETRAMENTO: A INSERÇÃO SOCIAL PELA LINGUAGEM ESCRITA

O letramento é um conceito que vai além do processo de alfabetização. Enquanto a alfabetização se refere à aquisição das habilidades técnicas de leitura e escrita, o letramento envolve o uso dessas habilidades em contextos sociais, culturais e comunicativos.

Em outras palavras, o letramento se refere à capacidade de um indivíduo de utilizar a leitura e a escrita de forma competente e funcional em situações reais da vida cotidiana, como interpretar um contrato, entender uma notícia ou redigir um e-mail.

► **Definição de Letramento e Enfoque Social**

O letramento é, portanto, um conceito que abrange não só a decodificação de símbolos escritos, mas também a compreensão crítica e o uso prático da linguagem escrita em diferentes contextos. De acordo com Soares (2004), o letramento deve ser entendido como uma prática social em que o indivíduo é inserido nas diferentes formas de uso da escrita, tornando-se capaz de interagir com o mundo de maneira ativa e consciente.

Esse conceito é particularmente importante na sociedade contemporânea, onde a escrita desempenha um papel central nas interações pessoais, acadêmicas e profissionais. Um sujeito letrado não é apenas aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que compreende os diferentes gêneros discursivos, consegue interpretar o que lê e é capaz de produzir textos adequados às demandas de cada situação.

► **O Uso do Texto Escrito em Diferentes Contextos**

No mundo atual, as práticas de letramento estão presentes em praticamente todos os aspectos da vida social. A habilidade de lidar com textos é exigida em múltiplas situações, como:

PEDAGOGIA E PSICOLOGIA EDUCACIONAL

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: DIAGNÓSTICA, FORMATIVA E SOMATIVA

¹O termo avaliar tem sido associado a fazer prova, fazer exame, atribuir notas, repetir ou passar de ano. Nela a educação é imaginada como simples transmissão e memorização de informações prontas e o educando é visto como um ser paciente e receptivo. Em uma concepção pedagógica mais moderna, a educação é concebida como experiência de vivências múltiplas, agregando o desenvolvimento total do educando. Nessa abordagem o educando é um ser ativo e dinâmico, que participa da construção de seu próprio conhecimento. Nesse ponto de vista, a avaliação admite um significado orientador e cooperativo.

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem, é realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular. A avaliação não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas deve como prática de investigação, interrogar a relação ensino aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica. O erro, passa a ser considerado como pista que indica como o educando está relacionando os conhecimentos que já possui com os novos conhecimentos que vão sendo adquiridos, admitindo uma melhor compreensão dos conhecimentos solidificados, interação necessária em um processo de construção e de reconstrução. O erro, neste caso deixa de representar a ausência de conhecimento adequado. Toda resposta ao processo de aprendizagem, seja certa ou errada, é um ponto de chegada, por mostrar os conhecimentos que já foram construídos e absorvidos, e um novo ponto de partida, para um recomeço possibilitando novas tomadas de decisões.

A avaliação, dessa forma, tem uma função prognóstica, que avalia os conhecimentos prévios dos alunos, considerada a avaliação de entrada, avaliação de input; uma função diagnóstica, do dia-a-dia, a fim de verificar quem absorveu todos os conhecimentos e adquiriu as habilidades previstas nos objetivos estabelecidos. Para José Eustáquio Romão, existe também uma função classificatória, avaliação final, que funciona como verificação do nível alcançado pelos alunos, avaliação de output. Através da função diagnóstica podemos verificar quais as reais causas que impedem a aprendizagem do aluno. O exemplo classificatório de avaliação, oficializa a visão de sociedade excludente adotada pela escola.

► ¹Tipos de Avaliação

Assim como as crianças e adolescentes aprendem de diferentes formas, avaliar esses conhecimentos também exige essa diversidade. Ao aderir a essa prática, os professores passam a ter uma dimensão mais completa e integral dos alunos.

Os principais tipos de avaliação, são a diagnóstica, formativa, somativa e externa.

Avaliação diagnóstica

Como o próprio nome indica, esta modalidade possibilita identificar e mapear os saberes dos estudantes em relação a determinado objeto do conhecimento ou habilidade. No ciclo de alfabetização, a avaliação diagnóstica também pode ser chamada de sondagem e acontece periodicamente para acompanhar os avanços das crianças.

O mais comum é que aconteça no início de cada bimestre. Porém, o mais indicado é aumentar a frequência. “Ela deve acontecer várias vezes. A cada novo trabalho ou objeto de conhecimento precisamos de um diagnóstico”, diz Kátia Chiaradia.

A avaliação diagnóstica deve ser capaz de verificar as lacunas, identificar os avanços e os pontos de destaque da turma. Esses dados são utilizados para orientar o planejamento docente e podem nortear, por exemplo, a organização de agrupamentos produtivos.

Olhar para aspectos socioemocionais e mapear interesses, hábitos e realidade de cada aluno também são pontos interessantes de se considerar na hora de planejar o diagnóstico.

Não existe um modelo único para esse tipo de avaliação: ela pode ser realizada utilizando metodologias ativas, roda de conversa ou ser um modelo mais próximo das provas tradicionais.

Muitas secretarias de educação utilizam diagnósticos em rede como um termômetro geral das escolas. Mesmo nesses casos, é importante que o professor realize o seu próprio diagnóstico como forma de complementar as informações e conhecer mais o perfil da turma.

Avaliação formativa (contínua ou processual)

A avaliação processual acontece ao longo do processo de aprendizagem, sempre a partir de um diagnóstico. Conforme acompanha o processo da turma, o professor tem as evidências necessárias para pensar em boas intervenções e saber quando é necessário mudar o percurso – isto é, não é preciso aguardar o término do bimestre para verificar que uma estratégia não funcionou ou que os alunos ainda estão com dificuldade em determinada habilidade.

1 <https://educador.brasile Escola.uol.com.br/trabalho-docente/avaliacao-escolar.htm>

1 <https://novaescola.org.br/conteudo/8778/o-que-e-avaliacao>

AMOSTRA

Para fazer essa avaliação, podem ser utilizadas ferramentas como, por exemplo:

- Produções orais, em grupo e individuais.
- Pesquisas.
- Seminários.
- Estudos de caso.
- Autoavaliação.
- Questionários.

Já para analisar os resultados, utilizam-se rubricas com diferentes níveis de performance. Esses critérios permitem que o professor oriente a observação. Eles devem estar sempre alinhados aos objetivos de aprendizagem previstos naquela atividade ou projeto e conter as evidências para demonstrar que o estudante aprendeu - saiba o que levar em conta para fazer esse trabalho nos Anos Iniciais. Essas expectativas devem ser compartilhadas com a turma.

Um tipo de avaliação formativa é a comparativa, que visa promover uma análise entre o que o aluno sabia antes de determinada atividade e depois.

Avaliação somativa

É a modalidade mais tradicional de avaliação e caracteriza-se por evidenciar se os alunos dominam determinado conjunto de habilidades. Comumente, acontece ao final do bimestre ou sequência didática. Ao final, atribui-se um conceito ou nota numérica para o desempenho dos estudantes.

Pode ser dissertativa ou de múltipla escolha. É importante que as perguntas sejam claras e, pela resolução da questão, o professor consiga evidenciar as aprendizagens.

Avaliações externas

São provas realizadas em larga escala para avaliar o sistema educacional e auxiliam na construção de uma visão sistêmica sobre como está a aprendizagem no território.

Dentro da escola, os resultados dos estudantes também devem ser analisados, porém os descritores dessas avaliações não devem orientar o planejamento docente – isto é, o objetivo do professor é desenvolver habilidades do currículo, não preparar os alunos para essas provas.

AVALIAÇÃO MEDIADORA (JUSSARA HOFFMANN)

AVALIAÇÃO COMO PARTE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A avaliação mediadora, proposta por Jussara Hoffmann, representa uma mudança profunda na forma de compreender a avaliação escolar. Em vez de tratar a avaliação apenas como momento de verificação, classificação ou atribuição de notas, essa concepção entende que avaliar é acompanhar o processo de aprendizagem do estudante e intervir pedagogicamente para que ele avance. A avaliação deixa de ser um ato final, realizado depois do ensino, e passa a fazer parte do próprio processo de ensinar e aprender. Nesse sentido, avaliar não é simplesmente perguntar “quanto o aluno aprendeu?”, mas investigar “como ele está aprendendo?”, “quais hipóteses construiu?”, “que dificuldades apresenta?”, “que intervenções podem ajudá-lo?” e “quais novas situações de aprendizagem precisam ser propostas?”.

Na tradição escolar, muitas vezes a avaliação foi reduzida à aplicação de provas, testes, trabalhos e notas. Esse modelo costuma concentrar-se no resultado final, comparando estudantes entre si e classificando-os como bons, médios ou fracos. A nota, nesse contexto, passa a ocupar lugar central, como se pudesse representar de maneira completa a aprendizagem do estudante. Jussara Hoffmann critica essa visão porque ela empobrece o sentido pedagógico da avaliação. Uma nota pode indicar um desempenho em determinado momento, mas não explica, por si só, o percurso do aluno, suas estratégias de pensamento, suas dificuldades específicas, seus avanços ou as condições em que a aprendizagem ocorreu.

A avaliação mediadora parte de outra lógica. Ela compreende que a aprendizagem é um processo contínuo, dinâmico e singular. Cada estudante aprende em determinado ritmo, mobiliza conhecimentos prévios, formula hipóteses, comete erros, reorganiza ideias e avança a partir das interações que vivencia. O professor, nesse processo, não é apenas alguém que mede resultados. Ele é mediador da aprendizagem. Isso significa que observa, escuta, interpreta, questiona, desafia, orienta, registra, retoma conteúdos e cria novas oportunidades para que o estudante avance. A avaliação torna-se, assim, instrumento de intervenção pedagógica.





GOSTOU DESSE MATERIAL?

Imagine o impacto da versão **COMPLETA** na sua preparação. É o passo que faltava para garantir aprovação e conquistar sua estabilidade. Ative já seu **DESCONTO ESPECIAL!**

EU QUERO SER APROVADO!

